

Vidas em movimento na fronteira Brasil-Venezuela: disputas entre acolhimento e controle

*Victória Figueiredo Machado**

1 INTRODUÇÃO

A mobilidade e contato com o não nacional são uma temática atrelada a problemas, perigos, riscos desde a era antiga e deixou marcas na mitologia, na língua e no folclore. Os estrangeiros, na era antiga, eram todos aqueles que não fossem gregos ou romanos, sendo, portanto, considerados bárbaros, cruéis, incultos e incapazes por não utilizarem a mesma linguagem dos gregos.

Nesse sentido, observa-se uma história marcada por um etnocentrismo, no qual todo diferente e não grego eram repudiados. Nos noticiários recentes, nota-se uma predisposição para esse comportamento, no qual a aversão aos estrangeiros e refugiados continua ressoando ao longo dos séculos, gerando medidas que vão desde o fechamento de fronteiras até atos de extrema violência e detenção ao redor do mundo.

Em termos quantitativos, tomando como base dados do ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (2020), o mundo tinha, no fim de 2019, cerca de 79,5 milhões de pessoas forçadas a deixarem suas regiões de origem por motivos de guerra, violência, perseguição e violação de direitos humanos, sendo aquele o maior contingente registrado desde a criação do órgão, em 1950. Segundo o relatório do ACNUR¹, o número de refugiados em todo o planeta dobrou em apenas 20 anos e cresceu em 2,3 milhões de pessoas em relação a 2017, contabilizando cerca de 26 milhões de refugiados. Desse total, 68% ou mais de dois terços dos refugiados vêm de cinco países: Síria (6,6 milhões), Venezuela (3,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões), Sudão do Sul (2,2 milhões) e Mianmar (1,1 milhões) (ACNUR, 2020).

Considerando essa questão de deslocamento a um âmbito regional, no continente americano, observa-se que, até dezembro de 2018, foram contabilizados 643.300 refugiados (ACNUR, 2018). Um grande fluxo migratório nas Américas que mobilizou órgãos internacionais desenvolve-se a partir de 2017, na Venezuela, atingindo repercussões internacionais. Fugindo

* *Mestranda em Relações Internacionais pela PUC-RJ. Bacharel em Relações Internacionais pela PUC-RJ. Email: victoriafmachado01@gmail.com*

principalmente de grave e generalizada violação de direitos humanos, perseguição política, o número de venezuelanos ao redor do mundo em 2019 é de 4 milhões e 500 mil (ACNUR,OIM,2019). Nessas proporções, o total de solicitantes de refúgio venezuelanos é o maior do mundo em 2018, sendo de 341,8 mil solicitações (ACNUR,2018).

Tendo em vista os números alarmantes, a questão venezuelana torna-se um assunto incontornável e emergencial, chamando a atenção de inúmeras organizações internacionais e países para a América Latina.

Diante daquele contexto do crescimento das migrações nos últimos anos, termos como crises migratórias são cada vez mais utilizados, fortalecendo discursos e práticas nacionalistas que reafirmam e impõem maiores restrições à integração dos refugiados, por um lado, e, por outro, ressaltam as conturbadas trajetórias dessas pessoas para além dos números, chamando a atenção para a necessidade de sua proteção e acolhimento.

A partir de 2017, o fluxo venezuelano marcou especialmente o Brasil, por ter sido o momento de maior número de solicitações de refúgio desde o começo da série histórica do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça².- Tendo em vista esses dados, as reações governamentais e político-midiáticas brasileiras se deram a partir de discursos voltados ao humanitarismo, benevolência concomitantes aos discursos e práticas de controle e ameaça.

Portanto, esse fluxo migratório em específico traz à tona determinadas narrativas do Brasil, como o caráter humanitário da nação e a capacidade técnica de proteção de fronteiras e de lidar com “crises humanitárias, haja vista a sua atuação na Minustah (de 2004 a 2017).

Nesse sentido, o fluxo venezuelano chama atenção e acende discussões acerca de termos como cuidado e controle, benevolência e ameaça, hostilidade e hospitalidade, que, à primeira vista, parecem opostos, mas que, nesse atravessar de fronteiras, tornam-se complementares, como será salientado nas próximas páginas desse artigo.

Levando em consideração o breve contato que tive com os migrantes em abrigos de Boa Vista e Pacaraima, no estado de Roraima, exponho minhas primeiras impressões, incipientes indagações, incômodos, dúvidas, contestações em relação ao contato entre venezuelanos e brasileiros e sobre como uma fronteira física, que divide o Brasil e a Venezuela, atinge o tratamento dos refugiados venezuelanos, demarcando espaços e criando fronteiras subjetivas entre o eu e o outro.

É necessário evidenciar que minhas indagações acerca daquelas microdinâmicas são frutos de pesquisas prévias em artigos científicos, matérias jornalísticas sobre os abrigos, indagações teóricas e de minha observação local. Portanto, de nenhuma forma busco estabelecer uma “verdade” sobre um frutífero mundo de vivências subjetivas, psicológicas, políticas e sociais. No entanto, o artigo visa salientar como as fronteiras funcionam materializando

rivalidades, “essências” nacionais e os choques existentes no encontro com a diferença, no relacionamento entre o harmonioso e o anárquico, o nacional e o desconhecido, o pacífico e o desordeiro , o estável e o incontrolável.

2 A “CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA” CHEGA AO BRASIL

A Venezuela já enfrentava dificuldades econômicas desde 2013, quando Nicolás Maduro tomou posse como presidente. Com inflação a níveis elevados, barris de petróleo apresentando altas em seu preço, a nação venezuelana começou a apresentar fraturas em seus alicerces econômicos e político-sociais, resultando em uma austera crise humanitária que se deflagrou em 2017.

Detenções arbitrárias com cunho político, perseguição política, escassez de alimentos e medicamentos, violação de direitos humanos, censura, contração do PIB e um cenário político instável fez com que pessoas fugissem de seu país de origem e procurassem ajuda em outras nações vizinhas.

Um desses países foi o Brasil, que ao receber aquelas pessoas, solicitantes de refúgio, fugindo de grave e generalizada violação de direitos humanos, perseguição política, passou a noticiá-los em jornais, segundo Machado(2019b, p.5), com palavras como caos, invasão venezuelana, onda de imigrantes , enquanto as autoridades locais pediam” socorro “ para lidar com imigração [...] (COSTA, BRANDÃO, OLIVEIRA, 2018).

As primeiras reações oficiais de autoridades governamentais seguiram essa primeira impressão de risco, insegurança através do recrudescimento do efetivo do Exército e das equipes da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal no estado de Roraima, segundo MAISONNAVE (2018), dando um tratamento securitizado e militarizado a essa questão (MACHADO, 2019).

Ademais, segundo Machado (2018), em agosto de 2018, o juiz Helder Girão Barreto determinou a suspensão do ingresso e admissão dos refugiados pelas fronteiras com o estado de Roraima e afirmou que “é imperioso rechaçar a ideia de que, em matéria da imigração, a União tudo pode, e os estados e municípios tudo devem suportar” (NUNES, 2018).

Concomitante a essa medida, a governadora de Roraima, Suely Campos determinou a atuação especial das forças de segurança pública e demais agentes estaduais para controlar as fronteiras e o acesso a serviços públicos básicos, como a saúde e admissão a emergências no Hospital Geral de Roraima (NUNES, 2018).

Segundo Machado (2018, p.18) mesmo que a sociedade civil e órgãos como o Ministério Público Federal, Advocacia- Geral da União sejam contra essas ações, que depois foram barradas, a mera proposição de tais medidas de controle da população venezuelana no atravessar das fronteiras ressalta a discriminação existente no arcabouço político do país, contrariando princípios humanitários que o Brasil afirma adotar.

Apesar dessa postura primeiramente reativa à entrada de venezuelanos, o presidente Michel Temer anunciou em fevereiro de 2018 que iria liberar recursos adicionais a Roraima, além de criar um “comitê nacional” para lidar com os 40 mil venezuelanos que vivem em abrigos da cidade, de acordo com CHARLEAUX (2018).

Ademais, passou-se a ser concedida residência temporária por até dois anos aos estrangeiros de países fronteiriços que tenham entrado no Brasil por via terrestre de acordo com a Resolução Normativa nº 126, de 2 de março de 2017. O pano de fundo para essas propostas facilitadoras da entrada dos solicitantes de refúgio é o discurso do presidente Michel Temer em 2016 na ONU afirmando que dará uma “abordagem humanitária” para a questão e ressaltando o caráter ativo do país, haja vista que em suas palavras “os imigrantes deram, e continuam a dar, contribuição significativa para o nosso desenvolvimento”³, mais uma vez reforçando a ideia de país benevolente, caldeirão de nacionalidades.

Aliado a esse tratamento humanitário da questão, as manchetes dos noticiários passaram a enfatizar nesse aspecto benevolente da nação e da necessidade de acolhimento desses refugiados trazendo imagens de sofrimento, ausência de comida, prostituição de mulheres e adolescentes, crianças chorando e palavras como drama, fuga da fome, descrevendo o cotidiano sofrido dos venezuelanos, em uma lógica de piedade, compadecimento, demandando ações mais assertivas dos órgãos governamentais (BURNIER, 2017; GAZETA DO POVO, 2018; COSTA, BRANDÃO, OLIVEIRA, 2018 ; LUZ, 2017).

Ademais, em março de 2018, o Brasil instituiu a Operação Acolhida, também denominada de Força Tarefa Logística Humanitária. A interpretação brasileira era de que conjuntamente com 12 ministérios e órgãos federais, estaduais e municipais, as Forças Armadas – com liderança do Exército – possuíam a função de gerir o fluxo migratório venezuelano (RIBEIRO, 2019). Segundo Machado (2019 a), percebe-se no próprio logo da Operação e na etimologia da palavra Acolhida, que é “levar em consideração, receber” segundo Origem da Palavra (2020) uma tentativa de apontar para a compaixão, o cuidado, o conviver solidário:

Enfatizando práticas e discursos de cuidado, ajuda e assistência, os soldados definem e performatizam essa operação como uma benevolência nacional humanitária, criando uma comunidade na qual o espectador é posicionado como o possível salvador, enquanto os corpos resgatados são os outros constitutivos e necessários a esse *self* benigno, que seria o anfitrião, aquele que possui uma casa, uma família pronta e apta a cuidar desses “hóspedes” oriundos da crise migratória (MACHADO, 2019a, p.11).

Nesse sentido, pode-se observar políticas de assistência social/humanitária que se enquadram em uma lógica vulnerabilidade/risco ou de uma polarização

moral entre compaixão e repressão que mantém os corpos desviantes/diferentes sob controle e propaga uma visão de piedade, humanitarismo (FASSIN, 2001; 2005; 2006).

Assim sendo, apesar dessas notícias, propostas e discursos de engajamento com a facilitação à proteção, deferimento e acolhimento dos refugiados venezuelanos, o Brasil depara-se com desafios frente a formulação de mecanismos e políticas de integração voltadas para essa população, que ultrapassem o status migratório do indivíduo (MACHADO, 2018).

Ademais, torna-se forçoso problematizar como ambos os discursos de cuidado conseguem funcionar concomitantemente com atos violentos realizados pela população local em Pacaraima, como será abordado posteriormente.

3 O PAPEL DAS FRONTEIRAS NA PROBLEMATIZAÇÃO DO “INTERNO” E “EXTERNO” E A CIDADE DE PACARAIMA

Segundo Aguiar (2019, p.31), “a ideia de uma crise migratória envolve o reconhecimento da instabilidade das fronteiras como marcadores geográficos e temporais das relações de pertencimento contemporâneas”. Tendo isso em vista, torna-se essencial visualizar materialmente como isso se dá na fronteira física entre Brasil e Venezuela, indo de Pacaraima a Santa Elena de Uairén.

Para tanto, parte-se da conceituação da fronteira como um instrumento de identidade, controle e poder (FOUCAULT, 1996, 2008a, 2008b; AGAMBEN, 2009). Assim sendo, diferentemente de uma divisão dada, que existe *ad aeternum*, a fronteira concebida aqui entre os refugiados venezuelanos e os cidadãos brasileiros faz parte de um projeto de política externa, a todo momento performatizado, que traça disputas, diferenciações entre um *self* estatal e um outro.

Por conseguinte, considera-se que os indivíduos que vivem dentro das fronteiras soberanas dos estados compartilham certas marcas legais, políticas, sociais e culturais de identidade, cuja última expressão é a cidadania.

Os refugiados, ao ultrapassarem essas linhas territorialmente demarcadas dos Estados, rompem com a trindade Estado – cidadão – território, não estando encaixados nessa arquitetura normativa do cidadão nacional (HADDAD, 2008). Nessa perspectiva, há uma visão naturalizada e não problematizada que defende a existência de um elo impossível de separar entre o Estado territorial legal soberano e seus habitantes, seus cidadãos (DOTY, 1996b).

Porém, essa noção de cidadania, como uma categoria legal e uma categoria de identidade circunscrita a um pedaço de território geográfico, é extremamente problemática porque cria fronteiras entre um eu e um outro, um sujeito que pertence e outro que não, um sujeito que pode ser chamado de “cidadão” e aquele cuja própria existência em um determinado lugar é considerada anormal, desviante.

Doty (1996a) integra essa discussão ressaltando como as fronteiras não são meramente territoriais e sim baseadas em autoridades políticas que determinam as regras e políticas dentro de determinado espaço geográfico específico. Dessa forma, mesmo com a definição dos poderes desse *self*, *insider*, as fronteiras continuam embaçadas, tornando a unidade do interior continuamente sujeita a “perturbações” – no sentido de deslocamentos, mudanças – do exterior.

Mesmo que esses termos aparentam configurar oposições dicotômicas, eles são mutuamente constitutivos, haja vista que em tempos de massivos movimentos populacionais, os “disruptivos” do exterior levantam questões sobre quem são os cidadãos “normais” no “interior”. Campbell (1992, p.126) complementa essas indagações demonstrando que as fronteiras entre o interior e o exterior são reinscritas quando a distinção entre interior e exterior é ambígua e precisa de diferenciação, ou seja, quando as identidades são tão entrelaçadas, porosas e fluidas, que políticas de alteridade devem ser empreendidas, buscando afastar incertezas do *self* e sua relação com o outro.

Foucault (1996) expõe que essa diferenciação decorre do momento em que o poder do Estado passa a ser assegurado – a partir do século XVIII – como condição de governamentalidade e, nesse sentido, as fronteiras passam a contornar e organizar tanto o espaço material (aspectos militares, econômicos, de infraestrutura) e imaterial (elementos de identidade, pertencimento) desse corpo político.

Abordando essa questão por uma diferente lente, Bauman (2009) chama a atenção⁴ para o fato de que as fronteiras não são traçadas para separarem diferenças, ou seja, delimitar o interno do externo, isso somente ocorre no momento em que tomamos consciência dessa demarcação, ou seja, “estamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras” (BAUMAN, 2009, p.75). Assim sendo, diante de um mundo incerto, composto por ansiedade e medo da globalização, as diferenças tornam-se significativas e necessárias para traçar um ambiente confortável e seguro, atrás de zonas de controle, fronteiras, cercas e muros (BROWN, 2010) e aqueles obrigados a deslocar-se:

[...] Trazem consigo o horror de guerras distantes, de fome, de escassez e representam nosso pior pesadelo: pesadelo de que nós mesmos, em virtude das pressões desse novo e misterioso equilíbrio econômico, possamos perder nossos meios de sobrevivência e nossa posição social” (BAUMAN, 2009, p.79).

Nesse sentido, dado que a diferença é um requisito para a própria identidade nacional, o perigo encontra-se inseparável a essa relação (CAMPBELL, 1992, p.92), possibilitando uma constante vigilância e patrulhamento de determinada porção territorial, o que Doty e Wheatley (2013) intitulam de um “complexo militar-penal” dirigido particularmente à população refugiada:

Em larga medida, a construção da questão migratória como ‘problema’ parte do pressuposto necessário de uma ‘crise’ da capacidade de controle por parte dos agentes soberanos (tanto nacionais, quanto supranacionais) em regular, definir e delimitar quem entra, quem sai e quem fica nos seus territórios e sob quais condições (AGUIAR, 2019, p.31).

Assim sendo, o perigo está constantemente situado na fronteira, seja externa, interna ou nas contradições existentes entre elas (CAMPBELL, 1992), práticas de vigilância e patrulhamento tornam-se cada vez mais constantes.

Dessa forma, a (re)produção de fronteiras entre o interno e o externo funciona como parte da política nacional que pode ser comparada a um “poder ético de segregação”, no qual as distinções morais são feitas e uma “geografia do mal” coloca a origem do perigo em lugares muito distantes (CAMPBELL, 1992, p.99). Portanto, essa “política do movimento” (AGUIAR, 2019) disciplina e tenta gerenciar o fluxo de indivíduos que possuam elementos que desestremem seu senso de pertencimento e completude identitária, retomando a autoridade sobre os territórios.

Seguindo essa lógica, a cidade de Pacaraima é relevante para ser analisada por ser um espaço territorialmente marcado por uma divisão e um constante contraste entre aqueles que vivem no território brasileiro e aqueles que atravessam a fronteira para pedir refúgio no Brasil ou ainda, aqueles que se movimentam diariamente para visitar parentes, comprar alimentos, medicamentos. Seu contexto histórico encontra-se atrelado à demarcação da fronteira com a Venezuela pelo Exército Brasileiro, originando-se em torno do marco conhecido como BV-8, portal de entrada para o Brasil a partir daquele país (PREFEITURA PACARAIMA, 2015).

De acordo com o IBGE (2020) a população estimada em Pacaraima no ano de 2019 foi de 17.401 pessoas. Segundo números do IBGE divulgado pelo Folhpress (2019), Pacaraima foi a cidade que mais cresceu no país, proporcionalmente, ganhando 1.821 habitantes de 2018 para 2019, o que representa um aumento de 11,7%. Desde 2017, o aumento foi de 41% e se mantiver esse ritmo de crescimento, em cinco anos a cidade terá o dobro de seu tamanho (AMÂNCIO, 2019).

Com esses dados, há uma “política dos números” que alimenta a percepção do excesso (AGUIAR, 2019, p.27) e cria um senso de perigo, superlotação dos serviços básicos que recrudesce os casos de xenofobia em um município de pequenas proporções. Por conseguinte, Pacaraima pode ser lida como esse local de desconforto e conflito entre identidades e é retratada como um “ barril de pólvora por causa de refugiados da Venezuela”, segundo COSTA, BRANDÃO, OLIVEIRA, (2018).

Complementando essa visão de desordem e caos, em 2018, a prefeita Teresa Surita afirmou em entrevista à MORI (2018) que “até o fim do ano, perderá o controle da cidade”. Com essa linguagem, percebe-se o grau de urgência, que é reforçada em 2019 pelo prefeito Juliano Torquato em sua fala ao Senado: “Pacaraima está à beira de colapso social com aumento de imigração”, reiterando uma lógica securitizada de que o município tem sofrido com “furtos, roubos, assaltos, homicídios e sequestros”. Ele também citou um aumento no número de armas dentro de Pacaraima e problemas com drogas. Segundo ele, a larga faixa de fronteira permite a entrada de pessoas sem verificação prévia de antecedentes criminais (RIBEIRO, 2019). Todos esses elementos discursivos de superlotação, criminalidade não comprovados por pesquisas⁵ se materializam em protestos contra a entrada de venezuelanos em Pacaraima, ocorridos pela primeira vez em julho de 2018, quando moradores da cidade bloquearam a rodovia BR-174 e em agosto de 2018, momento no qual brasileiros agrediram, expulsaram e queimaram os pertences de venezuelanos, tendo como “suposta” motivação o assalto a um comerciante local que, alegam os brasileiros, foi vítima de um grupo de imigrantes, segundo MAISONNAVE (2018).

De acordo com MAISONNAVE (2018), assustados com esses ataques violentos e ações xenofóbicas, dezenas de refugiados em Boa Vista, em fevereiro de 2018, realizaram ato pedindo paz e melhor convivência na cidade. Contudo, marcando um ano do violento evento de queima e expulsão dos venezuelanos, em 17 de agosto de 2019, a população pacaraimense voltou às ruas pedindo a expulsão de venezuelanos. Ainda em fevereiro de 2020, protestos voltaram a acontecer diariamente contra a entrada de refugiados venezuelanos e o aumento da violência. Tendo em vista essa cronologia de protestos e posicionamentos políticos de autoridades municipais apontados anteriormente, observa-se como o espaço da fronteira é esse “entre lugar” e que segundo Bhahba (1998, p.20) “[...]pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagonico, conflituoso e até incomensurável”.

Embora essa prática fronteiriça leve em conta o perigo, o diferente, Campbell (1992) chama a atenção sobre como esse encontro pode ocorrer em uma linguagem não forçosamente de destruição total. Messari (2001, p.230, tradução minha) entendem que o encontro com a diferença “[...] pode tanto se expressar no desejo de transformar o “outro” ameaçador no próprio *self* (exclusão); indiferença e assimilação, quando o outro é visto como um “amigo”, podendo o *self* impor a sua própria imagem e valores a ele.

Dessa forma, a alteridade não necessariamente coloca a diferença como o anti-*self*, ou seja, a diferença não implica que o outro inverta sua identidade. O *self* pode ser entendido como negativo também, enquanto o outro pode transformar-se no elemento positivo dessa lógica (GUILLAUME, 2010, p.28). Portanto, é forçoso evidenciar que existe uma vasta possibilidade de interações entre o eu

e outro que não envolva a violência total e embora os seguidos protestos em Pacaraima se utilizem de uma linguagem de negação do outro, de queima de pertences e expulsão dos refugiados, tem-se que levar em conta o isolamento contínuo desses cidadãos muito antes da chegada dos refugiados. Dessa forma, os moradores de Pacaraima temem que seu isolamento e precariedade sejam exacerbadas pela presença do outro:

Nessa perspectiva, a imigração não é vista como um fenômeno social que beneficia as sociedades envolvidas em tal processo, mas como um **problema de mercado de trabalho e de “segurança nacional”**, pois é pelas **fronteiras pouco controladas da Amazônia que passam os possíveis “indesejados”**, isto é, imigrantes pobres, pouco qualificados e etnicamente diferenciados, como é o caso de indígenas (SILVA, 2017, p.19, grifos meus).

Complementando essa noção securitária que vai de encontro com uma questão identitária, o professor Rickson Figueira (2018) aborda, no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, que no “espelho de Pacaraima” vê-se um aumento populacional que impactou a cidade, no entanto mais do que isso o que se experimenta na cidade são “[...] turbilhões de sentimentos desconhecidos que, por fatores muito pouco relacionados aos refugiados, podem ser orientados à violência”.

Assim sendo, a Região Norte, com os piores índices de saneamento do país segundo relatório do Instituto Trata Brasil (2015) e os piores indicadores sociais⁶ – como pobreza, educação e saúde (EXAME, 2017), explicita um veemente processo de fragilidade social. Mais especificamente, o estado de Roraima é o único do Brasil que recebe energia da Venezuela, ou seja, não possui interligação ao sistema elétrico nacional, evidenciando um apartamento com o contexto nacional, o que segundo moradores locais de Roraima é observado pela dificuldade e demora de chegada de alimentos e medicamentos em várias cidades do estado, bem como apagões diários no sistema elétrico.

Ademais, em Roraima, o percentual da população em situação de pobreza chega a 36,1%, (IBGE, 2019), o que seria em números reais aproximadamente 167 mil pessoas, o quarto maior índice desde 2012 (IBGE, 2019). Essa situação de debilidade em políticas públicas e proteção social reverberam no arrefecimento de sentimento de abandono, descaso, raiva e os direciona para os “estranhos a nossa porta” (BAUMAN, 2017).

Dessa forma, independentemente das motivações e do tipo de interação perante a alteridade, observa-se que os discursos e práticas que propagam representações de um “eu” estatal e de “outros” externos são inerentes ao dispositivo de fronteira – de poder, de controle e de identidade (FOUCAULT, 1996, 2008a, 2008b; CAMPBELL, 1992, 1998; DOTY, 1996).

Em Roraima, mais especificamente em Pacaraima, a linha entre Brasil e Venezuela é um espaço concomitantemente doméstico e estrangeiro, aguardando “domesticação”, tanto no sentido de ser trazido para “dentro” da governança estatal através da Operação Acolhida quanto com relação à normalização dos comportamentos aceitos por parte dos cidadãos que ali vivem. Essa sensação de urgência, provisoriedade contida na Operação Acolhida e sua própria indefinição temporal e de escopo deixa claro a fragilidade e artificialidade das fronteiras.

Portanto, Pacaraima como cidade fronteira brasileira – que conta diariamente com o vai e vem de indivíduos venezuelanos que compram alimentos, medicamentos e voltam para suas cidades na Venezuela – é um exemplo de como as linhas das fronteiras são tão tênues, que o dentro e o fora são nebulosos, intrinsecamente relacionados entre si e espacial e temporalmente contingentes (WALKER, 2013).

Em suma, buscou-se expor a interseção entre identidade, controle e poder na fronteira fixa que circunda Pacaraima e como essa fronteira é composta por práticas discursivas que a todo momento expõem a distinção entre um âmbito interno, que é acolhedor, pacífico, e um espaço externo caótico, anárquico, mesmo que essa diferenciação seja equivocada e problemática de ser feita.

Em outras palavras, as relações e fronteiras aqui problematizadas entre brasileiros e venezuelanos, acolhedores e acolhidos podem ser resumidas como espaços onde a política ocorre, sejam eles simbólicos, materiais, capazes de selecionar, hierarquizar, reorientar no processo do encontro da diferença com a identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além das fronteiras físicas e reais do território, o fluxo migratório venezuelano também afetou os contornos das subjetividades da coletividade brasileira concomitante às múltiplas identidades dos refugiados venezuelanos. Buscando atrelar discussões sobre identidade e segurança com mobilidade, o artigo questionou como no encontro e na fronteira entre brasileiros e venezuelanos, discursos de controle e cuidado, perigo e benevolência são misturados, permitindo que eventos violentos e xenófobos convivam com uma Força Tarefa governamental intitulada “Acolhida”.

Em suma, as fronteiras aqui sugeridas seriam coconstituídas por discursos, imagens, símbolos, manchetes jornalísticas que remontam a configuração territorial delimitada do Estado e que a todo momento são reforçadas, questionadas e reproduzidas pelos militares, políticos da cidade e moradores.

A sensação de urgência, provisoriedade e limbo das fronteiras são potencializadas pelos indivíduos que vivenciam todos os dias esse “vigiar” do Estado mas ao mesmo tempo, não conseguem ser abarcados por práticas de cuidado e assistência social, colocando nos refugiados a origem de todas as suas mazelas.

Nesse sentido, com o enfoque na discussão de fronteiras, levando em conta a cidade de Pacaraima, foi possível observar a relação entre identidade, controle e poder nesses espaços fronteiriços e como esse “entre lugar” (BHAHBA, 1998) diz muito sobre a sociedade em que ela se situa.

No momento em que os venezuelanos atravessam as fronteiras brasileiras, representações do *self* e do outro são construídas e expostas, estando essas identidades dialogicamente entrelaçadas, haja vista que nessa relação específica o outro relaciona-se com o *self* de forma a manter estratégias de representação e autodefinição.

Nesse local de encontro com a diferença, a fronteira entre Brasil e Venezuela é responsável por afetar os contornos das subjetividades da coletividade brasileira, ou seja, de como a nação brasileira se define e por conseguinte, define o seu outro.

NOTAS

¹ Se esses dígitos estivessem circunscritos a um território, superariam a população francesa e tailandesa, podendo formar o 20º país mais populoso do mundo (ACNUR,2018).

² Foram 33.865 solicitações contabilizadas em todo o país, sendo quase o triplo dos pedidos registrados em 2016 (uma alta de 228%). Antes, o recorde de solicitações tinha sido alcançado em 2014, quando houve 28.670 requerimentos de estrangeiros (CONARE,2018).

³ Continuando: “temos plena consciência de que o acolhimento de refugiados é uma responsabilidade compartilhada. Estamos engajados em iniciativas de reassentamento de refugiados de nossa região, com atenção especial para mulheres e crianças”(Discurso do Presidente da República, Michel Temer, na Abertura do Debate Geral da 71ª Assembleia Geral da ONU-Nova York, 20 de setembro de 2016). Ver mais em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/veja-integrado-discurso-de-temer-na-abertura-da-assembleia-da-onu.html>> Acesso em 22 de julho de 2020.

⁴ Baseado nas concepções de Frederick Barth.

⁵ Pelo contrário, de acordo com estudo do DAPP-FGV(2018) 48,4% dos venezuelanos em Boa Vista, até outubro de 2017, não utilizaram qualquer serviço público.

⁶ Que estão aliados a uma concentração maior de população entre 0 e 19 anos de acordo com dados do Cenário da Infância e Adolescência no Brasil da Fundação Abrinq compilado pela Exame (2017).

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Tendências globais de refugiados**: visão geral das populações de refugiados, recém chegadas, soluções duradouras, requerentes de asilo e outras pessoas que preocupam o ACNUR. Geneva: UNHCR, 2004. Disponível em: < <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/40d015fb4/2003-global-refugee-trends-overview-refugee-populations-new-arrivals-durable.html> > . Acesso em 2018.
- ACNUR .**Global Trends 2019**. Forced displacement in 2019. Geneva: UNHCR, 2020. Disponível em <<https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2020.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUIAR, C. M. Entre a crise e a crítica: migrações e refúgio em perspectiva global. **Monções - Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 8, n. 16, p. 21-41, 2019.
- AMÂNCIO, T. Com crise venezuelana, Pacaraima é cidade que mais cresce; veja outras curiosidades. **FOLHAPRESS**. 28/08/2019 - 15h50min. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/com-crise-venezuelana-pacaraima-e-cidade-que-mais-cresce-veja-outras-curiosidades.shtml#:~:text=%E2%80%8BBO%20%C3%AAxodo%20de%20venezuelanos,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20calculada%20pelo%20IBGE>> . Acesso em 03 de janeiro de 2020.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.
- BROWN, W. **Walled States, Waning Sovereignty**. New York: Zone Books, 2010.
- BRASIL – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Discurso do Presidente da República, Michel Temer, na Abertura do Debate Geral da 72ª Sessão da Assembleia Geral da ONU – Nova York, 19 de setembro de 2017**. Disponível em: < <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-na-abertura-do-debate-geral-da-72-sessao-da-assembleia-geral-da-onu-nova-york-19-de-setembro-de-2017> >. Acesso em 22 de julho de 2020.
- BURNIER, J. R. Crise na Venezuela atravessa a fronteira e chega ao Brasil com o drama dos refugiados. **G1/JORNAL HOJE**. 14/08/2017 14h02. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/08/crise-na-venezuela-chega-ao-brasil-com-o-drama-dos-refugiados.html> > . Acesso em 12 de fevereiro de 2020.
- CAMPBELL, D. **Writing security**: United States foreign policy and the politics of identity. University of Minnesota Press, 1992.

CHARLEAUX, J. P. Como o Brasil lida com a imigração venezuelana 2018. **Nexo Jornal**. 14/02/2018. Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/02/14/Como-o-Brasil-lida-com-a-imigra%C3%A7%C3%A3o-venezuelana>> . Acesso em : 16 de agosto de 2020.

COSTA, E.; BRANDÃO, I.; OLIVEIRA, V. Autoridades de Roraima pedem ‘socorro’ para lidar com imigração e querem ‘interiorização’ de venezuelanos. **G1**. 05/02/2018 07h25. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/autoridades-de-roraima-pedem-socorro-para-lidar-com-imigracao-e-querem-interiorizacao-de-venezuelanos.ghtml>> . Acesso em 27 de julho de 2020.

_____. Fuga da fome: como a chegada de 40 mil venezuelanos transformou Boa Vista. **G1**. 05/02/2018 07h24. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/fuga-da-fome-como-a-chegada-de-40-mil-venezuelanos-transformou-boa-vista.ghtml>> . Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

DOTY, R. L. Sovereignty and the nation: constructing the boundaries of national identity. In: BIERSTEKER, T. J.; WEBER, C. (Ed.). **State sovereignty as social construct**. Cambridge University Press, 1996b.

FASSIN, D. The biopolitics of otherness: undocumented foreigners and racial discrimination in French public debate. **Anthropology today**, v. 17, n. 1, 2001.

_____. Compassion and repression: the moral economy of immigration policies in France. **Cultural anthropology**, v. 20, n. 3, p. 362-387, 2005.

_____. “Souffrir par le social, gouverner par l’écoute: une configuration”, **Politix**, 73: 137-157, 2006.

FIGUEIRA, R. R. **O Espelho de Pacaraima**. Le Monde Diplomatique Brasil:2018. Disponível em <<https://diplomatique.org.br/o-espelho-de-pacaraima/>>Acesso em 15 de agosto de 2020.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

GAZETA DO POVO. O drama dos venezuelanos no Brasil. **Gazeta do Povo/Editorial**. 28/02/2018 - 00:01. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/odrama-dos-venezuelanos-no-brasil-78p840dtq0tal2szslqbvuw6r/>> . Acesso em 17 de março de 2020.

GUILLAUME, X. **International Relations and Identity: A dialogical approach**. Routledge, 2010.

HADDAD, E. **The refugee in international society: between sovereigns**. Cambridge University Press, 2008.

- IBGE. **Pacaraima**. 2020. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/pacaraima/panorama> > . Acesso em 02 de junho de 2020.
- LUZ, C. Entenda a crise migratória de venezuelanos para o Brasil. **Guia do estudante**. 11 OUT 2017, 17H58. Disponível em < <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/entenda-a-crise-migratoria-de-venezuelanos-para-o-brasil/#:~:text=Al%C3%A9m%20da%20alta%20demanda%20por,a%20direitos%20e%20servi%C3%A7os%20b%C3%A1sicos.> > . Acesso em 17 de março de 2020.
- MACHADO, V. F. Brasil visto como vanguardista na proteção de refugiados: reflexões críticas acerca das práticas de deferimento, acolhimento e integração local dos venezuelanos. **4º Seminário de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais**, 2018.
- MACHADO, V. F. Entre hospitalidade e hostilidade: análise da “ontopolítica” brasileira no fluxo migratório venezuelano através da Operação Acolhida. **VI Seminário do NIEM: Políticas de migração e refúgio na América Latina**, 2019a, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://niem.com.br/wp-content/uploads/2019/12/ENTRE-HOSPITALIDADE-E-HOSTILIDADE.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- MACHADO, V. F. Quando a Estabilização do “Self” brasileiro depara-se com a delimitação do “Outro” venezuelano: análise da (In)segurança ontológica no fluxo migratório venezuelano. **7º Encontro de Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais**, 2019b.
- MAISONNAVE, F. Refugiados venezuelanos realizam ato contra xenofobia em Roraima. **Folha de S. Paulo**. 9.fev.2018 às 22h20. 2018 Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/02/refugiados-venezuelanosrealizam-ato-contraxenofobia-em-roraima.shtml> >. Acesso em 27 de janeiro de 2020.
- MESSARI, N. Identity and foreign policy: the case of Islam in US foreign policy. **Foreign Policy in a Constructed World**, p. 227-246, 2001.
- MORI, L. Se continuar assim, até o fim do ano perdemos o controle da cidade’, diz prefeita de Boa Vista, cidade que mais recebe venezuelanos. **BBC**. 14/08/2018. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45178748#:~:text=Se%20o%20governo%20federal%20n%C3%A3o,prefeita%20da%20cidade%2C%20Teresa%20Surita.> > . Acesso em 02 de janeiro de 2019.
- NUNES, J. C. Governadora de Roraima determina controle da fronteira venezuelana. **Agência Brasil**. 01/08/2018 – 22:40. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-08/governadorade-roraima-determina-controle-da-fronteira-venezuelana>> Acesso em: 03 de agosto de 2020.
- ORIGEM DA PALAVRA. **Acolher**. 2020. Disponível em < <https://origemdapalavra.com.br/palavras/acolher/> >. Acesso em: 03 de julho de 2020.

- PEDUZZI, P. Juiz suspende entrada de venezuelanos no Brasil. **Agência Brasil**. 06/08/2018b. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-08/juiz-suspende-entrada-de-venezuelanosno-brasil>> Acesso em: 07 de agosto de 2020.
- PREFEITURA PACARAIMA. 2015. Disponível em <<https://www.pacaraima.rr.gov.br/4/pagina>> Acesso em: 20 de setembro de 2019.
- RIBEIRO, V. Governo prorroga por um ano Operação Acolhida a venezuelanos. **Agência Brasil**. 11/01/2019 – 07:11. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-01/governoprorroga-por-um-ano-operacao-acolhida-venezuelanos>> Acesso em 14 de abril de 2019.
- SILVA, S. A. da. Imigração recente na Região Norte: impactos e desafios às políticas públicas. Impactos dos fluxos migratórios recentes no Brasil. 1ed. Santo André: **UFABC**, v. 11, p. 10-27, 2017.
- WALKER, R. B. J. **Inside/outside**: Relações Internacionais como teoria política. Rio de Janeiro: ed. PUC – Rio. Apicuri, 2013.

RESUMO

A partir do aumento no fluxo migratório venezuelano para o Brasil, no final de 2016 e início de 2017, a mobilidade venezuelana passou-se a ser veiculada na mídia e reproduzida nos discursos de autoridades governamentais brasileiras como um problema e risco a serem gerenciados e, ao mesmo tempo, como uma oportunidade para o Brasil “acolher e cuidar” dessa população vulnerável. Levando-se em conta uma breve experiência e estudo de campo em Boa Vista e Pacaraima, no estado de Roraima, o artigo visa analisar como os discursos de perigo e controle das fronteiras coexistem com uma lógica de acolhimento e defesa dos direitos humanos e como isso se materializa na fronteira Brasil-Venezuela. Nesse sentido, busca-se problematizar de que forma uma presença “estrangeira” mexe com o imaginário popular local, agravando expressões racistas e xenófobas, bem como atitudes de hospitalidade e acolhimento. Dessa forma, será salientado como a crise migratória contemporânea constitui-se como um dos grandes temas da política internacional, trazendo questões como o humanitarismo das nações e, no vértice oposto, a rigidez do Estado soberano e a conexão entre território, população e manutenção da segurança que ainda circunda a concepção política global.

Palavras-chave: refugiados; fronteiras; identidades

ABSTRACT

From the increase in Venezuelan migratory flow to Brazil in late 2016 and early 2017, Venezuelan mobility started to be broadcast in the media and reproduced in the speeches of Brazilian government authorities as a problem and risk to be managed and, same time, as an opportunity for Brazil to “welcome and care” this vulnerable population. Taking into account a brief experience and field study in Boa Vista and Pacaraima - in the state of Roraima -, the article aims to analyze how the discourses of danger and border control coexist with a logic of reception and defense of human rights and how this is materialized on the Brazil-Venezuela border. In this sense, the article seeks to problematize how a “foreign” presence interferes with the local popular imagination, aggravating racist and xenophobic expressions, as well as attitudes of hospitality and reception. In this way, it will be highlighted how the contemporary migratory crisis is one of the major themes of international politics, bringing issues such as the humanitarianism of nations and at the opposite vertex, the rigidity of the sovereign state and the connection between territory, population and maintenance of security that still surrounds the global political conception.

Keywords: refugees; borders; identities